

# A PEDAGOGIA HOSPITALAR E OS DESAFIOS DA ATUAÇÃO: A CLASSE HOSPITALAR

PIERIN, Eliana Silveira.<sup>1</sup>

QUADROS, Sheila Fabiana de.<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo busca a reflexão e a compreensão das práticas pedagógicas dentro do espaço do hospital. Assim, a pesquisa teve por objetivos compreender a formação de uma classe hospitalar e sua rotina, identificando as características e a relevância do trabalho pedagógico fora do espaço escolar, mais especificamente a classe hospitalar, a qual faz parte de uma modalidade de ensino, responsável pela continuação das atividades do currículo escolar, que é de direito, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990), enquanto afastados da classe escolar, por internamento de maneira temporária ou não. Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica, pautada em leituras sobre o tema em artigos da atualidade e sobre a preconização legal, com destaque ao que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96). Assim, embasada numa discussão teórica, o texto discorre sobre a Pedagogia Hospitalar e seus desdobramentos de atuação, com ênfase na revisão de Literatura parcial sobre a temática em pauta, além de elencar fatores que permeiem o trabalho pedagógico junto às Classes hospitalares. Os resultados da pesquisa mostram que diante da relevância do trabalho pedagógico junto à criança e ao adolescente enfermo, pouco se tem escrito sobre o assunto, haja vista a necessidade da difusão para atrair novos interesses. Finalmente, conclui-se a validade do trabalho pedagógico no espaço hospitalar, trazendo elementos pontuais e decisivos nas demandas de recuperação do paciente.

**Palavras-chave:** Pedagogia hospitalar. Classe hospitalar. espaços não-formais.

## Introdução

A educação é um processo que acompanha os indivíduos desde o seu nascimento até a fase adulta. Nesse sentido, observamos que a mesma ocorre em diferentes espaços, não se limitando somente à atuação no meio escolar.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Campus Universitário de Irati-PR, e-mail:

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, Campus Universitário de Irati-PR. e-mail: [sheilafquadros@gmail.com](mailto:sheilafquadros@gmail.com)

Dessa maneira, pensar em educação requer que estejamos aptos a refletir que o ser humano possui seu processo de formação mediante todas as formas de convívio social em diversos meios em que os sujeitos interagem.

Pensar em Pedagogia hospitalar é pensar em Educação inclusiva, haja vista a facilidade em acontecer a evasão escolar diante da enfermidade de crianças e adolescentes, pois a realidade de quem passa por um tratamento de longa permanência em instituição hospitalar bem como as questões que envolvem a situação da criança e adolescente em processo de recuperação domiciliar é fator determinante quanto ao desempenho nas atividades escolares, posto que os mesmos possuem suas dificuldades de modificar e se adaptar a rotina da qual faziam parte anteriormente.

Sendo assim, a presente pesquisa busca compreender um dos espaços de atuação do pedagogo fora do contexto escolar, o qual se denomina Pedagogia Hospitalar. Portanto, este artigo busca a reflexão e a compreensão das práticas pedagógicas dentro do espaço hospitalar.

Compondo o objeto de estudos a Pedagogia Hospitalar, a pesquisa propôs como objetivos, compreender a estrutura da temática e seus desdobramentos, tais como a formação de classes hospitalares e sua rotina; identificando as características e a relevância do trabalho pedagógico fora do espaço escolar, mais especificamente a classe hospitalar, a qual faz parte de uma modalidade de ensino, responsável pela continuação das atividades do currículo escolar, que é de direito, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990), enquanto afastados da classe escolar, por internamento de maneira temporária ou não.

Os métodos utilizados como base para a elaboração desta pesquisa, a qual contou com uma abordagem qualitativa, foram, inicialmente, uma pesquisa de cunho teórico sobre a temática seguida de revisão de literatura parcial elencando dados sobre o tema em artigos da atualidade e sobre o que diz a preconização legal, principalmente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96).

Nesse sentido, o presente trabalho de pesquisa enfoca e valoriza a atuação do Pedagogo em espaços hospitalares, valendo-se da premissa que o trabalho pedagógico ultrapassa os limites da sala de aula, abrindo espaço a outros momentos de interação e formação acadêmica.

### **Contextualizando a Pedagogia Hospitalar**

Durante muito tempo, a Educação foi vista como algo diretamente e somente articulado com as questões focadas nas instituições escolares e no sistema formal de ensino, como se a mesma ocorresse com exclusividade junto desse sistema. No entanto, após mudanças no próprio contexto social amplo, observamos que a escola em si não é o único espaço de convivência de crianças e adolescentes, posto que a todo o momento estamos convivendo em grupo, e dessa interação, inevitavelmente aprendendo.

Refletir sobre a criança enferma nos faz pensar na dor física que ela sente, no medo por estar afastada do convívio social que normalmente é o da família e o da escola, além do fato de estar em um espaço que lhe causa estranheza. “Existe a desapropriação do território conhecido sendo que a casa, a escola e os brinquedos são subtraídos e substituídos por rotinas médicas que envolvem coletas de exames, macas, seringas e agulhas” (ROLIM, 2019, p.11).

É um momento delicado que exige dos mesmos uma nova forma de perceber sua rotina cotidiana, avançando para inclusive novos desafios, pois a cada dia de tratamento os mesmos precisam observar as mudanças que precisam ser articuladas ao seu cotidiano.

Dessa maneira, o espaço hospitalar apesar de tratar dos assuntos de saúde e doença, pode tratar também de educação, haja visto a necessidade e a demanda apresentada, colaborando inclusive com o tratamento da criança ou adolescente hospitalizado.

Diante da doença, a criança se vê afastada do ambiente escolar, porque para a família a preocupação com a recuperação de sua saúde vem em primeiro lugar. No entanto, cabe a criança o direito à educação, mesmo estando afastada da escola por motivo de saúde, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96). Daí a necessidade da formação de classe pedagógica hospitalar. “[...] necessitam de formas alternativas de organização e oferta de ensino de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde, tal como definidos na Lei e demandados pelo direito à vida em sociedade” (BRASIL, 2002, p.11). “Compete às Secretarias de Educação atender à solicitação dos hospitais para o serviço de atendimento pedagógico e domiciliar, a contratação e capacitação dos professores, a provisão de recursos financeiros e materiais para os referidos atendimentos” (BRASIL, 2002, p. 15). Este intercâmbio tem um elo importante que é a escola. “O atendimento educacional hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar devem estar vinculados aos sistemas de educação como uma unidade de trabalho pedagógico das Secretarias Estaduais, do Distrito Federal e Municipais de Educação, [...]” (BRASIL, 2002, p. 15).

É oportuno comentar que, mesmo diante da preconização legal existente, sabemos que ao longo do país muitas crianças e adolescentes não conseguem tal atendimento, pois como bem compreendemos, por meio de vivências, dos noticiários de veículos oficiais de comunicação e da situação atual que se incorpora ao cenário nacional, o Brasil vem passando por uma situação delicada em razão da Saúde pública e educação, resultando na defasagem do sistema de atendimento. Se há dificuldades no tratamento clínico pela situação de vagas e procedimentos, mais ainda quando se trata de prover a educação de crianças e adolescentes em situação de tratamento, seja esse curto ou longo. Em muitos casos, o próprio sistema de atenção não dispõe de ferramentas tampouco de conhecimento para suprir eventuais necessidades.

Ainda, para fazer valer o direito à educação dentro e fora da escola o cidadão tem o amparo da lei e seus aspectos legais na esfera jurídica.

[...] a análise é formal, para não dizer árida, uma vez que as boas condutas são observadas de perto pela legislação, pois não existe contestação quando o que se discute são garantias fundamentais, condutas humanas, o que se garante não se discute, se pratica, assim é a relação jurídica com a educação, a saúde e a sociedade. (PIVA; BRITO, 2015, p. 119).

Embora haja preconização legal que garante o direito da criança e do adolescente para que receba a continuação de seus estudos dentro do espaço hospitalar, o desconhecimento ou a falta de interesse pela formação da classe pedagógica hospitalar é bem comum, porque a ênfase do atendimento nessa perspectiva é a recuperação da enfermidade, deixando muitas vezes de perceber as nuances que envolvem a atenção a cada caso apresentado.

[...] a Pedagogia Hospitalar ainda é uma área em construção e desconhecida pela maioria dos profissionais da educação, da saúde e pelos próprios órgãos oficiais que deveriam se responsabilizar por esse atendimento educacional. Embora existam professores e pedagogos que atuam em diferentes Estados de nosso país, desde a década de 1950 esse trabalho é pouco reconhecido, tanto em relação aos professores, quanto aos direitos dos alunos a este atendimento educacional (PAULA, 2015, p.1).

Nessa perspectiva, observamos que estamos tratando de uma questão também social, onde se elencam diferentes elementos para sua compreensão, tais como a própria visão que a sociedade como um todo tem dessa modalidade de trabalho.

Dentre as possibilidades de atendimento educacional no espaço do hospital, verificamos que a estruturação da Classe hospitalar é uma das maneiras de desenvolver a educação hospitalar com um público que necessita de atenção individualizada a partir das condições que apresentam.

A classe hospitalar é a formação de um conjunto de atendimento pedagógico que a criança ou adolescente recebe dentro do hospital.

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p.13).

Assim, buscamos a reflexão e a compreensão do processo de práticas docente dentro da Pedagogia hospitalar, para que mais profissionais se interessem e mais classes educativas sejam construídas diante dos espaços das unidades hospitalares, porque esses serão a articulação da criança com a escola. O papel do professor será o de manter a criança ou o adolescente conectado ao que está sendo aplicado dentro da sala de aula na escola, porém, de forma diferenciada, de acordo com as possibilidades físicas e mentais da criança internada, haja vista a importância da continuação de aprendizado e desenvolvimento cognitivo desses educandos, sendo o professor o elo com o espaço social que ficou do lado de fora.

Assim, o espaço do hospital é ambiente de desafios para o restabelecimento da saúde, mas é também local de desenvolvimento da infância quando tratamos da criança em internação. Pensar sobre o desenvolvimento infantil da criança em situação de internação é colocar em destaque a pedagogia hospitalar, atividade que abre espaço para uma educação diferenciada as crianças afastadas do contexto escolar devido a alguma doença (SOUZA; ROLIM, 2019, p. 404).

Entende-se o sofrimento e a preocupação da família diante do enfrentamento da doença, quando a mente está voltada somente para a recuperação do ente querido. Cabe ao professor, com delicadeza e clareza, informar à família ou responsável pelo jovem paciente, sobre a importância da continuação de aprendizagem em período de internação, expondo que a enfermidade não interrompe o poder de desenvolvimento intelectual das crianças e

adolescentes aprendizes, assim como não interrompe a necessidade de se integrar aos outros e manter a socialização, normal do ser humano.

Assim, diante da necessidade da continuação de aprendizagem e da falta de condições físicas, sob tratamento de saúde, a criança ou o adolescente precisa de outras formas para não interromper seu processo de desenvolvimento cognitivo.

Nessa direção, há o que se discutir quanto aos desafios e às práticas pedagógicas no ambiente do hospital.

A professora estará diante da diversidade de fatores contraditórios que envolvem a criança em tratamento, vivenciando em seu fazer docente restrições impingidas pelo diagnóstico e pelo tratamento, mas também encontrará possibilidades na oportunidade de ensino e aprendizagem da criança (SOUZA; ROLIM, 2019, p. 404).

Sabendo-se que a criança ou adolescente tem direito à educação, mesmo em caso de internação para tratamento de saúde, não necessariamente terá que receber conteúdo específico de cada disciplina de forma como acontece na escola, mas poderá receber de forma multidisciplinar, cabendo ao professor estar preparado para estratégias que atendam de forma diferenciada a cada aluno internado de acordo com suas limitações e gravidade de doença, sendo sobre o leito ou na brinquedoteca do hospital, conforme a organização de cada unidade de acordo com os espaços disponíveis.

O professor hospitalar é muito mais que um educador, ele é o profissional como uma nova práxis educativa, que procura sempre proporcionar à criança e ao adolescente hospitalizados um atendimento educacional que possa favorecer a continuidade da sua aprendizagem, evitando a exclusão ao âmbito escolar, direcionando um olhar especial ao seu espaço de atendimento no hospital, a fim de torná-lo num ambiente menos doloroso e mais prazeroso e educativo. Além do mais, é interessante que estimule as crianças e adolescentes a reagirem à doença, levando ainda, pais e responsáveis ao diálogo e interação, abrindo-lhes novos caminhos de conhecimentos (SANTOS, 2016, p. 10).

Diante de suas atribuições, o professor deve procurar apoio na equipe administrativa e de saúde em busca de recursos que atendam às necessidades de ensino com o intuito de proporcionar conforto e aprendizado aos pacientes educandos, efetivando a relevância do pedagogo no ambiente hospitalar,

[...] a atuação do pedagogo hospitalar com os demais profissionais do hospital deve ser um trabalho em conjunto, discutindo as melhores propostas para a efetivação das atividades que serão realizadas com o aluno-paciente, estando cientes da importância de sua educação e, além disso, procurando motivá-lo, de modo que se sinta seguro e com disposição para prosseguir o tratamento e ao mesmo tempo estudar (SOUZA; TELES; SOARES, 2017, p. 244).

Dessa maneira, a coordenação pedagógica que atua internamente no hospital, precisa dialogar com profissionais que atendem ao adolescente e à criança enferma ou com necessidades especiais, como psicólogo, fonoaudiólogo, nutrólogo e outros.

Ainda assim, o educador encontrará resistência, levando em conta que dentro dos próprios espaços da educação, existe o descaso com a educação especial, no ambiente hospitalar os desafios serão maiores.

Nessa perspectiva, observamos que a Classe hospitalar ou as formas de atendimento que a envolvem, trazem consigo a premissa de que precisa haver um trabalho articulado entre os diversos fatores e profissionais que envolvem tal atendimento, assim, é importante que haja muito diálogo entre todos os pares que atuarão junto a essa demanda.

### **Características da Classe Hospitalar: o que dizem as produções?**

Depois de estudado sobre as teorias que envolvem a Pedagogia Hospitalar e seus desdobramentos, considerou-se importante realizar um processo de Revisão de Literatura parcial, o qual foi organizado a partir de seleção de textos publicados de maneira virtual, com ênfase na estruturação do trabalho pedagógico com as classes hospitalares.

Assim, para subsidiar a continuidade da discussão sobre Classes hospitalares, foram selecionados três textos acerca da temática, depois de descartados dez textos igualmente selecionados no decorrer desse percurso.

Dessa maneira, será realizada uma breve discussão sobre as Classes hospitalares a partir da perspectiva dos autores dos referidos textos, embasando o segundo momento desse trabalho de pesquisa.

Com a leitura do primeiro texto, visando a continuação da educação escolar de crianças e adolescentes internadas em unidades hospitalares, bem como proporcionando a socialização dentro de um espaço “ameaçador”, as autoras apontam:

A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem, principalmente em um ambiente em que ela está cercada de elementos, que muitas vezes causam uma fragilidade afetiva, o medo, insegurança, saudade de casa e da família. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do educando, e a ludicidade em parceria, desde que não seja utilizada apenas como passa tempo (MONTANARI; SILVA, 2017, p. 22966).

Sobre a ludicidade, sabe-se da sua importância no contexto da educação, como ferramenta para o aprendizado, podendo facilitar a compreensão e a criação entre o abstrato e o concreto. Jogos e brincadeiras que além de levar a criança e adolescente a vivenciar seus bons momentos em casa ou na escola junto aos companheiros, são instrumentos que contribuem para o raciocínio lógico, desenvolvem a psicomotricidade, desenvolvem a liberdade de expressão e a socialização entre outros. No entanto, é preciso a mediação pedagógica, para que esta ferramenta ofereça aprendizado significativo.

Segundo Ceccim (1999) o acompanhamento pedagógico hospitalar favorece uma construção subjetiva da criança em desenvolvimento, diante dos laços de aprendizagens ali presente (relações com os colegas e relações de aprendizagens mediadas pelo professor), além de contribuir para a reinserção à escola após a alta. Este autor realiza algumas críticas ao trabalho lúdico dentro do hospital, pontua que o trabalho pedagógico realizado dentro do hospital deve apoiar-se no atendimento pedagógico educacional, com propostas escolares e não em propostas de educação lúdica, recreativa ou de ensino para a saúde, como são encontrados com facilidade nas salas de recreação, das brinquedotecas e dos movimentos de humanização hospitalar (MONTANARI; SILVA, 2017, p. 22963).

O que o autor pontua é a necessidade em se desenvolver atividades que promovam a ludicidade, mas que exerçam papel pedagógico, voltado para a aprendizagem, e não meramente para entretenimento da criança e adolescente em processo de tratamento. Dessa maneira, ponderamos que há que se planejar as atividades que ocorrerão nos espaços do hospital, posto que a Pedagogia hospitalar e em especial a Classe hospitalar requer que se promova a formação de quem está em processo de recuperação. Ainda, embora as atividades envolvendo a ludicidade ajuda a afastar a tristeza e amenizar os efeitos do desconforto do tratamento contra a enfermidade, esta precisa ser ofertada de maneira que contribua para o aprendizado. A equipe pedagógica precisa dispor de recursos que estimulem a criatividade da criança e do adolescente para que através da construção e da interação com o meio em que se encontra, mediado pelo pedagogo, venha a realizar aprendizado cognitivo.

Não se deve apenas ocupar criativamente o tempo dela, para que ela possa expressar e elaborar os seus sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, assim como não é apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança esqueça por alguns momentos que está doente ou em um hospital. O professor deve atentar-se de permanecer dentro do hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças (MONTANARI; SILVA, 2017, p. 22963).

Ainda, a Classe hospitalar não se resume apenas em uma brinquedoteca superequipada, mas, em que o profissional pedagogo tenha sensibilidade e preparo para lidar com educandos em situação de enfermidades e suas peculiaridades, bem como o comprometimento e competência para poder enfrentar os desafios e buscar as ações que viabilizam e efetivam as práticas pedagógicas no espaço hospitalar.

Frente as inúmeras dificuldades da Classe Hospitalar, a atuação pedagógica, sua prática é um ganho para a sociedade, porém ainda necessita de maior reconhecimento tanto pelos que necessitam de atendimento como para a formação dos pedagogos, investimento em infraestrutura e materiais pedagógicos nos ambientes hospitalares (MONTANARI; SILVA, 2017, p. 22966).

Na busca pela identidade da Classe hospitalar, o segundo texto nos leva entender que, apesar das indefinições de correntes de pensamentos, sabe-se que a pedagogia tradicional deve ser substituída pela pedagogia ativa, interacionista, construtiva, lúdica, conforme o atual contexto da pedagogia democrática de educação e aprendizado cognitivo. Segundo a autora,

Entende-se por Pedagogia Hospitalar uma proposta diferenciada da Pedagogia tradicional, uma vez que se dá em, âmbito hospitalar e que busca construir conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem que possam contribuir para o bem estar da criança enferma (FONTES, 2008, p. 76).

A ludicidade é uma importante ferramenta para fazer com que o paciente educando tenha atendimento diferenciado esquecendo um pouco de sua enfermidade, principalmente quando esta proporciona aprendizado. Assim, como o conhecimento da terapêutica de sua doença e do ambiente hospitalar. A vivência escolar dentro desse espaço, pode evitar a defasagem do aprendizado que muitas vezes leva ao abandono dos estudos, tão importante para a formação humana.

Precisamos ter ciência de que toda a atenção se volta ao atendimento prioritário de saúde, visto que a criança e adolescente enfermo desencadeia atenção máxima da família e dos profissionais da saúde em relação à sua doença bem como das condições que os mesmos apresentam na esfera biológica, porém, há que se observar com especial atenção também os fatores emocionais que acompanham a trajetória de tratamento de cada um em sua singularidade, bem como das formas de intervenção das equipes multidisciplinares, contando, nesse sentido, com o apoio pedagógico no que tange à proteção dos mesmos quando o assunto em pauta se trata da formação integral dos sujeitos.

Ainda, quanto as análises das atividades pedagógicas:

A contribuição das atividades pedagógicas para o bem estar da criança enferma passa por duas vertentes de análise, a primeira aciona o lúdico como canal de comunicação com a criança hospitalizada, procurando fazê-la esquecer, durante alguns instantes, o ambiente agressivo no qual se encontra, resgatando sensações da infância vivida anteriormente à entrada no hospital. A segunda refere-se ao processo de conhecimento deste novo espaço, porque ao conhecer e desmitificar o ambiente hospitalar, re-significando suas práticas e rotinas, como uma das propostas de atendimento pedagógico em hospital, o medo da criança que paralisa as ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo em seu lugar, a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que aí atuam (FONTES, 2008, p. 76).

Esta definição, entretanto, não exclui o conceito de Classe Hospitalar (FONTES, 2008). Dessa forma, entende-se que é preciso que o pedagogo esteja preparado para atuar junto à equipe de saúde para levar aprendizado e bem estar aos pacientes educandos.

Estar preparado, significa ter uma formação superior dentro das necessidades da Educação especial e ou cursos de áreas afins que qualifiquem o professor para trabalhar com os desafios diante das peculiaridades das enfermidades de cada criança ou adolescente internado, desafios diante da aquisição de recursos e de respaldo administrativo da unidade de saúde, no contexto da pedagogia hospitalar, assim como a utilização da metodologia adequada e suas estratégias pedagógicas, que viabilizem um aprendizado construtivo.

Junto a essa perspectiva, podemos citar as questões que incitam a o preparo para trabalhar com os diferentes recursos tecnológicos, haja vista serem estes os mais apreciados pelos jovens educandos em qualquer espaço, bem como ser de melhor acessibilidade conforme as necessidades de cada paciente.

Ainda, de uma maneira geral no Brasil, a grande maioria dos professores atuantes em classes pedagógicas hospitalares não possui a formação adequada para atender a demanda com relação à Educação especial inclusiva nesse espaço, segundo Fontes (2008, p.78),

[...] o Brasil ainda conta com poucos hospitais que desenvolvem esse tipo de atendimento e em sua quase totalidade com profissionais que não possuem formação específica para este tipo de atuação. Essa afirmação parte do pressuposto de que se a disciplina Educação Especial ainda se encontra fora do currículo dos Cursos de Pedagogia de algumas Universidades do país, o que pode ser dito da existência de cursos específicos voltados para o atendimento pedagógico-hospitalar?

Daí a necessidade e a relevância do Curso de Pedagogia em ofertar a disciplina Educação Especial ou outra que fomente a discussão sobre essas questões, para que seja disseminada e procurada a pedagogia hospitalar e assim mais profissionais capacitados para atuar dentro dos espaços da área da saúde.

O segundo texto também traz como proposta de atendimento aos jovens pacientes, a escuta pedagógica. Não no sentido auditivo, mas no sentido de levar o conhecimento e o entendimento, de forma branda, porém realista, sobre a rotina hospitalar, enfermidade e os procedimentos sobre ela.

A escuta pedagógica diferencia-se das demais escutas realizadas pelo Serviço Social ou Psicologia no hospital, ao trazer a marca da construção do conhecimento sobre aquele espaço, aquela rotina, as informações médicas ou aquela doença, de forma lúdica e, ao mesmo tempo, didática. Na realidade não é uma escuta sem eco. É uma escuta da qual brota o diálogo, que é a base de toda a educação (FONTES, 2008, p.83).

A partir do diálogo, o pedagogo (a) interage com a criança ou adolescente internado, visando planejar estratégias pedagógicas de acordo com a necessidade de conteúdo e possibilidades desses pacientes.

Compreende-se que, dentre outras formas de atenção, a Classe hospitalar é de grande relevância, por seu papel acolhedor de jovens educandos em estado enfermo, promovendo a Educação Inclusiva, através do modo especial de educar, desconsiderando a forma padrão de ensino regular.

Taam (2000) verificou que muitos professores que atuam em hospitais procuram levar para o hospital formas tradicionais da escola, da educação, que não correspondem às demandas do contexto. Nesse sentido, o fato de

não existir uma política de atuação dos profissionais nessa área e um descaso do Estado com relação às políticas sociais, entre elas, a educação e a saúde, faz com que coexistam diferentes práticas sob o mesmo nome de Classe Hospitalar, reforçando a existência de muitas indefinições nas práticas que vêm sendo implementadas (FONTES, 2008, p. 77).

Ainda sobre a escuta pedagógica, pode-se dizer que esta faz parte da pedagogia acolhedora, que promove o diálogo, o respeito, a interação, a liberdade de expressão. A percepção do professor em estar atento ao que está sendo falado, gesticulado, demonstrado pelas ações ou emoções, facilita uma aproximação, que através desta possa elaborar estratégias de aprendizado. Através da escuta pedagógica o profissional toma conhecimento da origem dos problemas ou dificuldades, bem como das habilidades a serem exploradas e assim registrar e fazer um trabalho construtivo junto aos educandos.

As autoras do terceiro texto, como resultado reflexivo de suas pesquisas, apontam o Hospital como um espaço enriquecedor de socialização e aprendizado. Sabe-se que num ambiente hospitalar depara-se com uma variedade de aparelhos e objetos que dificilmente ou nunca se tem a oportunidade de encontrar fora desse ambiente. Levando em consideração a curiosidade que as crianças e adolescentes têm diante das novidades do abstrato e do concreto, como imagens, aparelhos, objetos, equipamentos, que realizam grandes feitos, o pedagogo pode se utilizar de estratégias aproveitando essa curiosidade para mediar conhecimento de forma multidisciplinar. Assim como também, levar o educando a perceber que existem outros na mesma situação de enfermidade precisando de um carinho, de uma atenção, incentivando a socialização, o compartilhamento, o respeito, tão necessários à formação humana,

[...] o hospital configura-se como mais um lugar de aprender na vida, sobre a vida em outro contexto, ou seja, da dor, de experiências de sofrimento, do contato com o outro que também está em busca da cura. São vivências significativas que levam inevitavelmente a valorizar a vida, a crescer com responsabilidade, a desenvolver ações solidárias e de colaborações, que deveriam alcançar a percepção dos professores nas escolas (ROCHA; PASSEGGI, 2010, p.117).

Ainda, diante da experiência de internação hospitalar, o sujeito pode vir a se interessar por buscar para o futuro, por profissões que nesse ambiente lhe despertou atenção, bem como relatar suas experiências aos demais quando de sua volta à comunidade escolar.

Ser professor, mediador de conhecimentos em classe hospitalar, além da formação especializada, requer preparo emocional, responsabilidade diante do inesperado,

disponibilidade para ouvir e alegria para tornar o fardo da enfermidade mais leve. Levar a terapêutica da enfermidade à criança e ao adolescente, de maneira que contribua para que não desistam de aprender diante da luta pela vida.

Vivenciar a hospitalização, o adoecimento e o processo terapêutico de uma enfermidade exige do professor hospitalar que busque compreender a criança e o adolescente enquanto sujeito, agindo e sofrendo no hospital como espaço de aprendizagem. As fases agudas das crises são também formadoras. Despertar na criança a capacidade de criar condições de se reconhecer, se reinventar como um ser capaz de se reconstruir diante da dor e do sofrimento experienciados, passa, como lembra Vygotsky, pela linguagem e por sua função de simbolização. Não são somente as condições do adoecer que incidem sobre a criança, na construção de sua subjetividade e da representação de si como paciente, mas a simbolização desse adoecer (ROCHA; PASSEGGI, 2010, p.119).

O círculo familiar que envolve a criança ou adolescente enfermo, como forma de proteção, prefere fazer votos de silêncio sobre a doença e sua terapêutica diante do paciente, entendendo que quanto menos o paciente souber menos sofrerá os efeitos. Mas, entende-se o contrário, segundo as autoras:

Daí a necessidade da criança saber o que está acontecendo, o porquê da hospitalização, dos procedimentos invasivos, entender a lógica da rotina hospitalar, etc. E, para tanto, o papel dos profissionais passa também por essa ajuda, que tende a reduzir sofrimento por auxiliar a criança a criar estratégias de enfrentamento. Portanto, o hospital configura-se como mais um lugar de aprender na vida, sobre a vida em outro contexto, ou seja, da dor, de experiências de sofrimento, do contato com o outro que também está em busca da cura. São vivências significativas que levam inevitavelmente a valorizar a vida, a crescer com responsabilidade, a desenvolver ações solidárias e de colaborações, que deveriam alcançar a percepção dos professores nas escolas (ROCHA; PASSEGGI, 2010, p.117).

Considerando que, diante da doença, o medo, a falta de esclarecimentos e acolhimento, pode causar uma introspecção negativa, dificultando a terapêutica, daí a necessidade da intervenção pedagógica.

O professor mediador dentro da Pedagogia Hospitalar precisa estar apto para entender e lidar com as diferentes terapêuticas, através de uma preparação específica, que visa uma maior responsabilidade, empenho físico e psicológico, para que possa mediar as relações entre as partes envolvidas, e atingir objetivos de aprendizado sobre os conteúdos curriculares de

educação, dentro das possibilidades, de acordo com as patologias apresentadas sobre a enfermidade dos educandos internados.

Para tanto, ele deve ter noções terapêuticas que fazem parte da rotina na enfermaria, sobre as patologias que acometem seus alunos e os problemas decorrentes para a criança e seus familiares fora do hospital. Desse modo, o professor hospitalar – aqui compreendido como um profissional de educação que atua em hospitais, proporcionando vivências educativas que minimizam os prejuízos causados pela ausência escolar, e que colabora para que os pacientes/alunos compreendam a hospitalização e seu processo terapêutico – poderá fazer um elo consistente entre criança/hospital/família/escola, agindo como mediador das relações sociais e de construção de conhecimentos (ROCHA; PASSEGGI, 2010, p.117).

Portanto, a partir do conhecimento de sua enfermidade e procedimentos para o tratamento, o jovem paciente aprendendo a lidar com seu problema de saúde, pode adquirir subsídios para construir sua identidade e posicionar-se na sociedade em que vive, como cidadão que não interrompeu seus estudos. Considerando que o estado de saúde não impede o sujeito de se desenvolver e aprender, podendo estar, quando de seu restabelecimento, apto para se reintegrar à comunidade escolar.

Quanto à avaliação, é importante ressaltar que, cada indivíduo responde ao aprendizado de maneira diferente, quando se trata de qualidade produtiva e tempo, haja vista as peculiaridades de cada ser humano. Uma avaliação, em época de internamento hospitalar, não seria diferente.

Cabe ao responsável pela análise sobre as condições de aprendizado e conteúdos apreendidos pela criança e adolescente enfermos, uma ampla consideração diante do que foi ofertado como estratégia de ensino, dentro das possibilidades cabíveis de cada aluno enfermo.

Importante ressaltar também, os cuidados no momento avaliativo da aprendizagem, evitando assim a desistência dos estudos pelo aluno, já tão envolvido emocionalmente e afetivamente com a doença, podendo ocorrer uma desmotivação, uma descrença em sua capacidade de aprender levando-o ao abandono dos estudos.

A qualidade e a equidade da educação básica são desafios a serem enfrentados a curto e médio prazo, para atender as necessidades econômicas e sociais. Para tanto, tem-se a necessidade de investimentos em recursos materiais, humanos e tecnológicos, mais precisamente na formação e carreira de profissionais da educação.

O conhecimento precisa ser mediado e ofertado com qualidade e equidade, dentro e fora do espaço escolar, que é de direito, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990), enquanto afastados da classe escolar, por internamento de maneira temporária ou não, fazendo valer também o que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), no que se refere a educação inclusiva.

### **Considerações finais**

Considerando a intenção do artigo em buscar a reflexão e despertar o interesse de profissionais docentes em levar aprendizagem para onde houver necessidade e fora dos espaços escolares, mais especificamente para o ambiente hospitalar, a busca por publicações neste sentido demonstrou que o assunto ainda é pouco divulgado, bem como são poucas as classes hospitalares formadas, levando em consideração a proporção de crianças e adolescentes internados numa imensa quantidade de unidades de saúde existentes pelo nosso país.

Os desafios da formação da classe hospitalar são grandes, talvez por ainda ser pouco discutido sobre a sua importância, haja visto que a saúde chega em primeiro lugar, mas, discutir para que o aprendizado não seja deixado de lado no momento de tratamento de saúde, considerando que a criança e do adolescente necessitam de socialização com o educador, a escola, o lúdico da brinquedoteca, e que isso pode ajudar em sua recuperação física, é muito importante.

Buscar o apoio dos profissionais da saúde para a formação da classe hospitalar demanda conhecimento e firmeza de argumentos, planejamento, recursos e persistência, considerando que a educação inclusiva nos hospitais para crianças e adolescentes está preconizada na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Mesmo assim, observamos que existe forte resistência em relação a essa demanda, tanto que há estreita necessidade em se estabelecer critérios de atuação que estejam respaldados em questões pedagógicas bem como preconizações legais que as amparem.

Nesse sentido, concluímos o presente trabalho que busca uma reflexão acerca das questões que envolvem a Pedagogia hospitalar por meio da estruturação da Classe hospitalar, posto que a mesma se organize a partir dos direitos de toda e qualquer criança e adolescente em processo de tratamento ou em fase de recuperação de tratamento de saúde.

Assim, buscou despertar o interesse dos leitores no intuito de promover a divulgação da questão e da apropriação do conhecimento que pauta suas demandas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

FONTES, Rejane de Souza. **Da classe à pedagogia hospitalar: A educação para além da escolarização**. Universidade do Estado de Rio de Janeiro: Linhas, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 72 - 92, jan. / jun. 2008.

MONTANARI, Elen S. da Silva B.; SILVA, Milene B. **Classe hospitalar: reflexões acerca da atuação do pedagogo**. UFMS, Mato Grosso do Sul: EDUCERE, 2017.

PAULA, Ercília Maria A. T. de. **Educação popular na pedagogia hospitalar: práticas e saberes em construção**. UFSC, Florianópolis: 37<sup>a</sup> Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015.

PIVA, Giselda Cristina; BRITO, Deborah C. D. de. **Classe hospitalar: a educação inclusiva nos hospitais para crianças e adolescentes**. Votuporanga, São Paulo: Linhas Jurídicas, Revista do Curso de Direito da Unifev, v.7, n, 10, p. 119 - 127, jul. 2015.

ROLIM, Carmem Lucia A. **Educação hospitalar: uma questão de direito**. Universidade Federal do Tocantins. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Curso de Pedagogia: Rev. Actualidades Investigativas en Educación, v.19 n1, 01 jan.-abr., 2019.

ROCHA, Simone Maria da; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde**. São Paulo: Revista @ambienteeducação, v. 2, n. 1, p.113-121, jan. / jul. 2010.

SANTOS, Elizandra Daneize dos. **O atendimento pedagógico hospitalar a alunos enfermos: um projeto de intervenção**. UAB - Polo foz do Iguaçu 2016.

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/50742/R%20-%20E%20-%20ELIZANDRA%20DANEIZE%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1>

SOUZA, Alanne C.; TELES, Damares A.; SOARES, Maria Perpétua do Socorro B. **Pedagogia hospitalar: a relevância da atuação do pedagogo**. São Luiz: Revista Educação e Emancipação, v. 10, n. 3, set/dez.2017.

SOUZA, Zilmene S.; ROLIM, Carmem Lucia A. **As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: descortinando possibilidades e enfrentamentos**. Bauru: Rev. Bras. Ed. Esp., v.25, n3, p.403-420, jul. - Set, 2019.